

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

Conselho Editorial
M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Presidente*
WILSON FIGUEIREDO — *Vice-Presidente*

Conselho Corporativo
FRANCISCO DE SÁ JÚNIOR
FRANCISCO GROS
JOÃO GERALDO PIQUET CARNEIRO
JORGE HILÁRIO GOUVÊA VIEIRA

LUIS OCTAVIO DA MOTTA VEIGA — *Diretor Presidente*

DACIO MALTA — *Editor*
MANOEL FRANCISCO BRITO — *Editor Executivo*
ROSENAL CALMON ALVES — *Editor Executivo*
ORIVALDO PERIN — *Secretário de Redação*

FERNANDO ZENOBI A. DE CARVALHO — *Diretor*
SERGIO REGO MONTEIRO — *Diretor*

A Voz dos Carcomidos

Num assomo de ousadia e insolência, um senador da República quebrou o clima sepulcral de um Parlamento entregue às moscas para insultar o Tribunal Superior Eleitoral e agredir o ministro Sepúlveda Pertence, homem de reputação ilibada. Segundo Antônio Mariz (PMDB), candidato ao governo da Paraíba, o TSE foi “pusilânime e torpe” ao cancelar o registro eleitoral e impedir a candidatura à reeleição do senador Humberto Lucena, por haver impresso, na gráfica do Senado, 130 mil calendários com sua sorridente imagem.

Não chega a surpreender que um político cuja carreira se fez à sombra de Humberto Lucena tome suas dores e tente desagravá-lo — não fosse o tom vulgar e ofensivo e o baixo nível da argumentação da defesa. Compreende-se a aflição do senador Mariz ao ver desmoronar sua igreja eleitoral na Paraíba. Isto, porém, não o autoriza a dizer que o TSE, por ter-se limitado a cumprir a lei, é o “retrato e imagem das elites brasileiras”.

Antes fosse, pois, nesse caso, nossas elites seriam austeras, corretas e respeitadoras da lei. Infelizmente, a “imagem das nossas elites”, a que se refere com desdém o representante da Paraíba, parece estar mais bem tipificada no estilo dos senadores Humberto Lucena e Antônio Mariz: corporativo, patrimonialista, nepotista e clientelista.

Não será “torpe” manipular eleitores desarmados e despreparados capazes de vender votos em troca de cadernos escolares? Não será “pusilânime” equiparar a impressão de opiniões e ações dos parlamentares a cartões de fim de ano e santinhos em forma de calendários? Não será um despautério reclamar da punição e defender a impunidade?

O senador Mariz retoma os mais surrados argumentos da elite que integra e da qual parece se orgulhar. O primeiro deles é o “todo mundo faz”, que absolve por antecipação os mais cediços e entranhados vícios dos políticos carcomidos deste país. É o que já se chamou de “beatificação do

ilícito”, eufemismo que inocenta os crimes consagrados pelo hábito.

Diz o senador Mariz: “Durante 10, 20, 30 anos, sempre, todos os deputados e senadores de todo o Brasil fizeram calendários pagos pelo Congresso e mandaram aos seus eleitores.” É mentira que todos os parlamentares imprimem calendários com suas respectivas efigies. É inexato que os cadernos sejam “pagos pelo Congresso”: eles são pagos pelo contribuinte.

Paga quem produz — e o Congresso não produz nada que não seja custeado por seus representados. O Congresso não paga nada, somos nós que pagamos. E mesmo se fosse verdade que todos os parlamentares imprimem propaganda, saiba o senador Mariz que chegou a hora de acabar com esses privilégios e benesses tão a gosto dos politiquinhos dos grotões.

Não é verdade, como insinua o trêfego representante da Paraíba, que haja discriminação contra nordestinos na hora de se exigir o cumprimento da lei. Afinal, na CPI dos “anões” do Orçamento, safou-se o pernambucano Ricardo Fiúza, não o gaúcho Ibsen Pinheiro. O bravo povo paraibano não se deixará enganar por essa solerte e hipócrita tentativa de confundir seus legítimos interesses com as jogadas de uma casta de manipuladores da vontade popular.

Não, o senador Mariz não está preocupado com o cumprimento da lei, com o atraso na votação do Orçamento, as reformas do Estado, a reformulação do pacto federativo, a estabilidade e a governabilidade. O senador Mariz está apenas obcecado com as eleições, com as prerrogativas corporativas, com o direito de usar em benefício próprio uma gráfica pública que consome US\$ 90 milhões, 70% dos quais destinados ao pagamento de pessoal.

Esta a imagem do Senado hoje: uma Casa desertada, uma gráfica produzindo propaganda a todo vapor e um senador da República esbravejando no plenário vazio em defesa do privilégio e da impunidade. Veremos o que dirão as urnas no próximo dia 3 de outubro.